



ILVSTRAÇÃO
PORTUGUESA

ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA

Edição semanal do jornal «O SEculo»

DIRECTOR — J. J. da Silva Graça
PROPRIEDADE DA Sociedade Nacional de Tipografia
EDITOR — Antonio Maria Lopes

NUMERO AVULSO, 50 cavs.

ASSINATURAS: Portugal, Ilhas adjacentes e Espanha:
Trimestre 6\$50. — Semestre 13\$00. — Ano 26\$00.
COLONIAS PORTUGUESAS: Semestre 14\$00. — Ano 28\$00
ESTRANGEIRO: Semestre 17\$00. — Ano 34\$00.

Redação, administração e officina: — Rua do Seculo, 43, LISBOA

O melhor
Cha exportado da
Inglaterra é o
Cha Endvar

Solicitamos Agentes
Compradores para os
mercados onde não
tenhamos representantes

CHA ENDVAR

ENDVAR COMPANY LTD

Fabricantes e Exportadores de Chas, Conservas, etc.

38A KING WILLIAM STREET, LONDON EC. 4



Crown Ribbon and Carbon Mty. Co.

Machinas de escrever,
accessorios e officinas de reparações
Fechos resumidissimos

Vende J. Anão & Co. Lda

R. Nova do Almada, 6. 2.

Telefone 2922

LISBOA

Perfumaria
Balsemão

141, RUA DOS RETROZEIROS, 141
TELEPHONE Nº 2777-LISBOA



ANEMIA

DEBILIDADE, NEURASTHENIA, TISICA

Todos os Medicos proclamam que

VINHO • DESCHIEIS (PARIS)

XAROPE de Hemoglobina

CURAM SEMPRE

TONICO YILDIZIENNE

O tesouro dos cabelos

Faz nascer e crescer os cabelos. Cura a caspa, a canice, a calvice e todas as doenças do
ouro cabeludo em todas as edades e em todos os casos.

Tintura Yildizienne

Instantanea. A melhor e mais rapida do mundo.

Regenerador Yildizienne

Cora os primeiros cabelos brancos em 8 dias.

Schampoo Yildizienne e Skaffe

O melhor que ha para lavar a cabeça e tirar a caspa.

Brilhantina liquida Yildizienne

Para dar brilho e leveza aos cabelos.

Brilhantina solida Yildizienne

Ondulante favorece a ondulação e dá aos cabelos um brilho incomparavel.

Academia Scientifica de Beleza

Avenida da Liberdade, 23—Lisboa

TELEFONE 3641

Resposta mediante estampilha

Peçam em toda a parte os acreditados productos d'esta

ACADEMIA DE BELEZA

VENDAS POR GROSSO E A RETALHO

TRABALHOS TIPOGRAFICOS
EM TODOS OS GENEROS

fazem-se nas
officinas da "ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA"
Rua do Seculo, 43 — LISBOA

ILUSTRACÃO PORTUGUEZA



UM DOS ÚLTIMOS RETRATOS DE SUA SANTIDADE BENTO XV

POST-SCRIPTUM

M EU CARO ANTONIO FERRO:

Garanto-lhe, garanto, respeitavel publico, garanto, ó posteridade, que eu nunca pensei, disse, nem fiz algumas das afirmações que debito no penultimo numero da *Ilustração*.

Naquele artigo entrou o poder malino que me persegue—ha anos; mão misteriosa levou-me, á surrelha, alguns vocabulos, e substituiu-as, subrepticamente por outros.

As *gralhas!*

Elas fazem-me expiar cruelmente o crime de não ter aprendido caligrafia; elas, num *complot* sinistro, têm feito de mim a antitesis de mim proprio. Eu vivo a estranha tragedia de dizer o contrario do que penso ou de escrever o contrario do que digo.

Sobre o elogio das *meias de seda* elas caíram como aves de rapina ou como janotas do Chiado. Não admira. Tratava-se de pernas...

Foram-me á palavra *sosfismq* e puzeram-me no sexo feminino, talvez com razão... Foram á palavra *marionettes* e puzeram-ma masculino. Que tremenda *gralha* de sexo.

Mas não é tudo. Desapareceram algumas linhas inteiras. Eu, por exemplo, afirmei que depois da *meia de seda* as mulheres passaram a ser amadas *debaixo para cima*. Tratava-se de uma simples verificação de itinerarios.

Eu afirmava tambem que as pernas de duas *marionettes* do teatro de saia curta—mesmo do teatro de natureza—representavam dramas, comedias, tragedias. Mas afirmei-o para dizer logo em seguida, que o seu genero preferido eram—o *lever de rideau*...

Não o quiseram os tipografos. Porquê? Por pudicia?

Mas, você sabe bem, ó Ferro, como eu sou casto e como as pernas de que eu fiz o elogio não teem para mim,—esteta, invencivelmente esteta—outro interesse além do decorativo.

Eu adoro a perna á vela, na mulher, do mesmo modo que sorrio, de goso, ante uma coluna jonica, deixo cair os olhos, como orvalho, sobre um solitario de flores, e deliro de pura alegria contemplando a linha esbelta dos balaustres.

São para mim os tres grandes motivos decorativos da humanidade, esses.

Ora, as pernas á vela—são os balaustres da mulher.

Quando desci o Chiado, depois de lhe entregar o artigo, tive occasião de o sentir. O Chiado, áquella hora, era um mundo de pernas, era um maquinismo de pernas,—era um caranguejo.

Algumas eu vi que me deram vontade de voltar atraz e pô-las em *post-scriptum*. Mesmo que não coubessem na pagina, algumas mereciam bem *hors-texte*.

Tambem vi algumas mediocres e lamentaveis. Mas atribui-as a *gralhas*...

No fim fiquei-me meditando nos altos destinos que nos estão reservados. Um país que dispõe de taes pernas—ha-de ir longe...

Desculpe, meu caro Ferro, este *post-scriptum* às pernas. Elas vão desaparecer, os mimosos balaustres. Em Paris veem-se já inumeras saias compridas. Se fosse só no Carnaval, vá. As pernas percebem assim o seu *loup*. Mas vae ser a moda de todo o ano. E só as poderemos reconhecer—*les beaux masques*—por onde é costume reconhecerem-se as mascaras—pe los pés.

Sem mais, sou o seu *et nunc et semper*

AFONSO DE BRAGANÇA

A *Ilustração Portuguesa*, empenhada sempre em proporcionar aos seus leitores o maior numero de distracções, e procurando sempre servir os seus interesses, inaugura, no proximo numero, uma nova secção, que, pelo seu character util e recreativo, está destinada a um carinho acolhimento.

Miss Mabel, uma senhora que veiu ha pouco estabelecer-se em Lisboa, depois de ter alcançado um grande nome em Londres e em Paris, onde foi directora d'uma revista especialmente destinada ao estudo das sciencias occultas, prontificou-se a servir os leitores da *Ilustração Portuguesa*, pondo á sua disposição todos os seus recursos.

Miss Mabel, que conhece a fundo todos os mysterios do «au-delas», tem-se dedicado, especialmente, á quiromancia e á cartomancia.

Desde já podem, pois, os leitores da *Ilustração Portuguesa*, dirigir a *Miss Mabel* a sua correspondencia para a Redacção da *Ilustração Portuguesa*, na Rua do Seculo.

Todos os leitores que desejem conhecer o seu *passado*, *presente* e *futuro*, e mesmo o seu character, por meio da «cartomancia», devem seguir as seguintes indicações:

N'uma letra legivel copiam a seguinte oração, n'um pedaço de papel branco:

«Cartas, pelo poder de S. Cypriano que sete anos no mar andou, sete sortes por sua esposa deitou, dize-me, com lealdade, o que desejo saber.»

Em seguida, e *com a mão esquerda*, partem, em qualquer altura, um baralho de cartas, reparando bem por que carta partiram. Finalmente, devem escolher o naipe da sua predilecção, á excepção do *naipe de espadas*, e mandarão dizer a *Miss Mabel* o naipe escolhido, bem como a carta por que foi partido o baralho.

Os leitores que preferirem a sciencia da quiromancia encontrarão, igualmente, em *Miss Mabel*, o mais carinhoso acolhimento.

Tornando-se-lhe impossivel analisar, directamente, a mão dos seus clientes, *Miss Mabel* imaginou um processo simples de consulta. Para esse fim devem os leitores seguir estas instruções:

«Sobre um papel bem liso e em traço firme de lapis ou tinta, devem os leitores desenhar o contorno da sua mão esquerda. Como isto, porém, não basta, e não havendo outro processo, deverão cobrir com tinta de escrever as principaes linhas da sua mão esquerda, que, em seguida, assentará n'um mata-borrão fino, facil de dobrar, que enviarão a *Miss Mabel*, juntamente com o papel onde foi desenhado o contorno da mão.

Todos os consulentes devem mandar, em letra bem legivel, o seu nome (ou pseudonimo), a sua morada e a data de nascimento. As respostas serão dadas, com a *demora maxima de 15 dias*, na *Ilustração Portuguesa*, ou em carta particular, desenvolvida e detalhada, aos senhores assinantes que assim o desejarem, desde que mandem estampilha para a resposta. Todos os leitores que desejarem a resposta em carta particular, desde que não sejam assinantes, deverão enviar 50 centavos e uma estampilha de 10 centavos.

Os senhores assinantes que desejem consultar *Miss Mabel*, farão o favor de mandar dizer o numero da sua assinatura.



LENDA DA SENHORA DAS NEVES

A João Ameal

ORA quando o sol se levantou estava a terra coberta por um manto tão branco como em vez nenhuma, em tal jeito, a aldeia vira. As arvores embranqueceram tanto que nem sei se eram velhinhas de morrer que elas pareciam, se novas de noivar, florescidas do alvo traje de bodas.

As casas, os muros, os caminhos, os campos e as estradas — tudo, tudo ficava branco. Os pinheiros dos pinhais, com os topos abrançoados também, até figuravam nuvens que pairassem pertinho da terra.

E a igreja que linda estava, lá no êrmo oiteiro, tão branquinha — como uma freira professa, daquelas de vestes brancas!

Pelo correr da noite tinha feito um luar cheio. E já com o sol levantado havia ainda quem cuidasse ser a lua que em modo tão claro alumia a terra! Andava tudo assombrado por aquela tanta brancura.

Os mais velhos, aqueles velhinhos abeirados já do cento, de fascinados, benziam-se. Nunca por ali ou redondêzas tinham avistado coisa assim. E já vira coisas desde os tempos em que por estes sítios andavam os malvados dos franceses!... Mas, de medrosos, murmuravam: — seria castigo do céu?! Mas aquilo era tão lindo que por castigo, de certo, não fôra dado.

Outros, de confiados, perguntavam: — seria presente de Deus?...

Mas fazia uma frialdade tamanha que presente também não seria.

O povo andava pasmado. Até que o Miguel, o sacristão, entre apavorado e contente, sufocado e an-

sioso, saiu da capelinha do *Largo* a contar às gentes que milagre tinha havido. A Santa, a Santinha dali, daquele sítio, que o senhor abade teimara em levar, na véspera, para a igreja, havia voltado e lá estava de novo, na sua meiga figura de Santinha, alçada no trono singelo, que os dali, ali devotamente lhe haviam erigido.

Fôra milagre, fôra milagre! E aquilo, aquela neve, tão bonita, tão macia, fôra o Senhor que a mandara á aldeia — para que se não maguasse a Santinha nas agruras dos caminhos... Por isso o povo logo buscou as pisadas da Santinha. Elas lá vinham da igreja á capela do *Largo*. Era um rosário de covas pequeninas, ageitadas, a miudo.

Se eram passadas da Santa!...

Fôra milagre, fôra milagre — andava de bôca em bôca,

A gente do *Largo*, agradecida, já pensava em festas, em romarias á Santinha — que por ser dali para ali viera. Os outros, os maus que com o senhor abade a queriam para a igreja — esses andavam tristes e tementes daquele divino castigo. Logo se armaram fieiras de crenças para resarem á Santinha milagrosa. Entretanto, cá fora, por mando de Deus, ia o sol dobrando o manto de arminho que cobrira a terra — para que se não maguassem nos caminhos os pés da Santinho do *Largo*.

E é por isto que desde aí lhe chamam a Senhora das Neves.

ARTUR MACIEL

(Do livro a aparecer brevemente *Ritmo de bilros*). — Desenho de *Albert Jourdain*



O romancista e sua esposa, a interessante escritora D. Emilia Sousa Costa

A ENTREVISTA DA SEMANA

S O U S A C O S T A

CHEGO pontualmente, á hora marcada. O final do dia é enevoado e nostálgico. Um tom de madrepérola diluído estende-se no alto, como um velário sonâmbulo.

Ao fim da Rua Borges Carneiro, aquela rua placida de exílio, é a casa de Sousa Costa. Mas Sousa Costa ainda não está em casa. Ele não é, apenas, o romancista que as suas obras interessam e absorvem; ele é, também, dolorosamente um funcionário publico — e essa dualidade, na vida, torna-se-lhe, naturalmente, um drama. Nada mais amargo e mais desolador do que esse conflito, entre as azas do sonho e os calvarios da vida. E só um espirito equilibrado, corajoso, pôde manter através as realidades que magoam, uma florescência de enlevo, de ascensão e de miragem.

E' D. Emilia de Sousa Costa, a interessante escritora, que torna a sua intelligencia carinhosamente devotada ás cruzadas moraes — quem primeiro aparece, a trazer-me a gentileza do seu convívio. Julgando vir realizar uma entrevista — depararam-se-me duas e a primeira é a desta senhora culta e serena, em cujos olhos claros e em cujo sorriso acolhedor, ha uma suggestão límpida de bondade e de talento. D. Emilia Sousa Costa fala-me da sua preferencia pelas coisas simples, pelas coisas sãs, onde vibra a aureola, iluminada e diafana da ternura. E' uma pessoa sem vaidades, sem atitudes. Fala, com uma absoluta despreocupação e com uma inteira sinceridade. Estou, bem claramente, deante duma alma que vive longe do bulício e do veneno da sua época. A escritora mesmo é que m'o revelou, numa fraze:

— Sabe? Eu vivo na cidade, mas a cidade não

chega a viver em mim! Passa, desliza, foge, sem deixar um vinco — como se para a minha sensibilidade fosse uma estrangeira...

Continuamos a conversa até á chegada de Sousa Costa. O novelista intenso do *Fruto Proibido* vem cansado, esgotado, do «Tribunal do Comercio». Contra as suas expectativas, o tribunal prendeu-o por muito tempo. E, como sempre, saíu de lá com o espirito cheio de scenas, impressionantes, quasi sempre mordidas de tragedias, scenas que são, nos corações, como tempestades negras sobre os horisontes claros...

Trocamos alguns comentarios. E eu admiro-me como é que o escritor consegue manter a tenacidade da sua orientação literaria através as suas horas laboriosas e exaustivas...

— ... E nunca teve um desfalecimento, uma interrupção nas suas obras?

— Não. Sempre que termino uma obra, começo logo a pensar noutra... E já agora, irei assim até final, de cruz ao hombro. A minha cruz é ao mesmo tempo, através a febre da produção, o meu mel do Himêto. Enquanto escrevo, infelizmente só enquanto escrevo, esqueço os que me querem mal, as minhas dores e desalentos, até o desvairamento politico que nos pôs á beira da catastrophe...

— E, assim, trabalha sempre...

— Sempre — sempre que posso. Ha quem me julgue um condenado á pena perpetua dos trabalhos forçados. Nada menos exato. Mesmo porque quem corre por gosto não cança... E eu não sei trabalhar nos meus livros senão pelo prazer do trabalho, nunca pela ideia do lucro material. Por isso a minha produtivi-

dade literaria, não é a resultante dum amargo labor d'empreitada—é apenas a consequencia logica duma vida de método. Sei dividir o tempo. Tanto para isto, tanto para aquilo... E daí o chegar-me para escrever, atender aos processos do tribunal, consagrar a minha hora ás tardes saborosas da *Portugal-Brazil*, frequentar a comunhão das relações d'amizade, ler os meus livros preferidos. Deito-me cedo, á meia noite. As oito da manhã, estou a pé. E são as horas da manhã que eu consagro, avaramente, avidamente, á litteratura. Bem vê: Basta que em cada manhã, ou de duas em duas manhãs, escreva duas paginas, para ter no fim do ano, pelo menos, um farto volume. E eu, que escrevo ha vinte anos—conto quinze volumes. Romances mesmo, não escrevo desde 1917. O ultimo, a *Ressurreição dos Mortos*, é daquela data...

— E tenciona voltar ao romance ?

Na face morena de Sousa Costa, a sua face veemente de transmontano, as suas palavras marcaram uma expressão nova, em que os olhos faulham como esmaltes. A volta, ha um scenario de Arte, a Arte de que ele se cerca, no seu isolamento de lutador. E' a *Inglesa*, de Soares dos Reis, a sua obra prima para muitos, que, do alto duma columna, lança a propeção do seu sorriso beatifico. E' uma paisagem pequena de Malhóa, de tintas reverberantes. E' um retrato de Sousa Costa por Carlos Reis, perdido na sombra da tarde. E' um quadro decorativo de Bonvalot. Uma cabeça estilizada e esguia do escultor Severo Portela, filho. São desenhos de Stuart, de Bernardo Marques, de Collomb... E, é claro, estantes de livros, á volta, formando um ambiente de intellectualismo e de meditação...

Mais uma vez recordo o conflito da vida do es-



O escritor Sousa Costa no seu gabinete de trabalho

— Não tenciono. Voltei, já...

— Romance evocador ou de psicologia ?

— Romance duma mulher. Romance de paixão. Um dos casos mais curiosos que teem vindo ao meu encontro.

— Para si, então, os romances devem ser colhidos na maré alta da vida... Não devem ser creados, inventados por nós ?

— Mas inventar para quê ? Se a nossa imaginação é duma pobresa franciscana ao lado da fantasia riquissima da vida ? A vida é a grande comediografa, a grande romancista, a grande mestra. Shakespeare, Molière, Balzac, Camilo, Eça, foram dos maiores, porque foram dos seus doze apóstolos. Pertenceram ao numero dos discipulos amados. O que é preciso, é vê-la, ouvi-la e senti-la. O que é indispensavel é vive-la, com todo o calor do nosso sangue e toda a vibração dos nossos nervos. Embora o romance seja como é, é a historia do verosimil, devendo a historia ser o romance da verdade...

critor. Daquella atmosfera para o ar viciado do tribunal...

— E como concilia os seus cuidados de romancista com as obrigações de agente do ministerio publico, de secretario do Tribunal do Comercio ?

— Aí tem a vida dramaturga. Um drama que é quasi tragedia. Mas, enfim... De manhã, em minha casa, sou exclusivamente o homem de letras. Sou o secretario do Tribunal, o agente do ministerio, lá fóra, do meio dia ás seis, ás sete, ás oito da tarde— conforme a hora a que termina o julgamento. Isto não quer dizer que a função do tribunal não me dê por vezes certas compensações literárias. O Tribunal nunca deixa de ser— a Vida... Entre os jogadores de sentenças, os rábulas da demanda, ha tipos magnificos de estudo. São frequentes os processos que encerram occultos dramas, em que não é difficil descobrir Machiavelli estimulando os appetites de Harpagon, Harpagon sacudindo a ferocidade de Cartouche... e dá-nos até processos de interesse e acentua-

damente literário... A dos editores do *Amor de Perdição*, a dos editores Lelos, este e aquele contra os netos de Camilo...

— Um ou dois processos?

— Dois... Primeiro o da *Companhia Portuguesa Editora* contra os netos de Camilo, por terem registado em seu nome, diz a Companhia, a propriedade do *Amor de Perdição*. Agora, o de Lelo e irmão contra os herdeiros do nome do solitário de Seide, com o mesmo fundamento relativamente ao *Amor de Salvação*, *Freira no Subterrâneo*, *Eusebio Macario*, *A Corja*, *Riquezas do Pobre e Misérias do Rico* e *Poetas e Raças Finas*...

— Mas o primeiro já foi julgado, não foi?

— Julgado, no Tribunal do Comercio e na Relação a favor dos descendentes de Camilo...

— E o segundo?

— Vai ser julgado em Abril. Mas este é muito mais interessante do que aquele. E a documentação do processo — um processo que qualquer camilianista opulento adquiriria a peso de papel-moeda — é admirável. Este processo versa, ao mesmo tempo, sobre traduções e originais atribuídos a Camilo. De maneira que, quanto ás traduções, ha a resolver, entre outras, a questão importante da data em que caíram no dominio publico. A documentação é feita pelos folhetos da *Difamação dos livreiros sucessores de Ernesto Chareron*, e *A defesa dos livreiros*, aquele da autoria do Mestre; e por vários e curiosissimos autografos de Camilo, cartas e bilhetes, a proposito de planos de livros, preços de edições, hostilidades de inimigos, com os comentarios satiricos do costume...

E Sousa Costa, que tem o processo á mão, mostra-me todo esse precioso conjunto, onde ha tantos farrapos esparsos da alma sofredora, humoristica e poderosa do extraordinario autor da *Brazileira de Prazins!* De entre as cartas de Camilo, pedi licença para destacar alguns trechos que seguem, escritos sempre na caligrafia desigual do romancista — um caligrafia que parece traçada ao sabor dos grandes vendavais dramaticos e fortes...

— «Desde que demos vida á Bibliografia, chovem aqui livros e librecos, que é uma praga de Portugal por não dizer do Egipto. Os escritores entendem que eu tenho em Seide, moinho de criticas. Parece que me vejo obrigado a dar em todos para que me deixem com o meu reumatismo».

— «Tenho imensa necessidade de sair daqui alguns dias, porque a vida do fogão e da cama embrutecem-me. Eu, para trabalhar, preciso de sol. Pouco tenho escrito da *Brazileira*. Preciso conhecer bem o espirito publico na apreciação da *Corja*. Por enquanto não sei decidir, visto que a venda me parece ter sido pequena. Isto prova que as familias estão aterrorisadas.»

— «Estou muito mortificado com os padecimentos

de cabeça de meu filho que me parece condenado a uma alienação mental. Não sei como posso escrever rodeado de panoramas tão tristes!»

Ha mais pedaços intimos que eu queria reproduzir. Mas, não posso... E volto a pedir a palavra a Sousa Costa:

— A sua opinião? Desta vez, vencem os editores ou os netos de Camilo?

— Não é possivel ter opinião quanto ao resultado de um julgamento. Demais, nestas accões, não sou agente do Ministerio Publico — sou testemunha...

— Testemunha? Porquê?

— Falei, ha tempos, aos netos do Mestre, nas relações de meus pais com Camilo e D. Ana Placido, as relações que forneceram a série de notas vivas e pittorescas ácerca dos dois, publicadas no meu livro *«Milagres de Portugal»*. Referi o que meu pai muitas vezes contava da venda do *Amor de Perdição*, por 10 libras — um livro que, com as suas 150 edições, entre legitimas e clandestinas, proliferou em rios de libras. E, daí, o darem-me como testemunha em ambos os processos...

O tempo foi passando e são sete e meia da tarde. Escurece, brandamente, num diluvio de cinzas. Tenho que fazer ainda uma série de perguntas, telegraficas, sinteticas:

— O livro seu que prefere?

— O *«meu e Julieta»*...

— Por mim, prefiro *«A Ressurreição dos mortos»* — afirma, do lado, D. Emilia Sousa Costa...

Sou da mesma opinião. Por momentos, dialogo com a escritora. E, entretanto, Sousa Costa, que folheia, sobre a mesa, os *Olhos cinzentos*, tem palavras amaveis de aplauso a alguns momentos do meu prefacio rebelde.

— E os escritores que destaca?

— Bem vê. Eu gosto sempre de louvar. Tenho o orgulho de saber admirar, como poucos...

— Admira mais os seus contemporaneos ou os novos?

— Dos contemporaneos da minha geração, ha seis ou oito, poetas e prosadores, que admiro com entusiasmo. E, quanto aos modernistas, embora lhes não siga o exemplo, pois entendo que o meu dever de escritor é manter-me fiel aos processos criados, longe de os hostilizar, acho-os indispensaveis á eterna marcha das ideias e das formas...

Ainda marcamos alguns nomes e algumas preferencias. A luz acende-se — e é então que eu desporto...

Oito horas! Tenho a consciencia de ter sido demasiado longo. E saio, para a noite, para o bulicio — deixando ali, muito aconchegada e muito alheia, aquela pequena casa hospitaleira — sorriso da serra entre a quermesse da cidade...

JOÃO AMEAL

(Clichés Salgado)

A S E X P O S I Ç Õ E S



SIMÃO DA VEIGA

Retrato da Ex.ª Sr.ª C. V.

SCENAS da vida do campo descritas, vividas, por um lavrador. A leziria e a charneca, de entre Riba e Alem Tejo, representadas por um criador de gado bravo. O touro e o cavalo ilustrados por quem os sabe farpear e montar.

E', na verdade, raro o curioso caso de Simão da Veiga, pintor e cavaleiro, homem de arte e lidador, toureiro e premio do *Salor*.

Esta sua primeira exposição dum duzia de trabalhos escolhidos, na Bobone, tem um ar franco, sadio, másculo, que, tratando-se afinal dum quasi amator, que depõe os pinceis por temporadas longas, surpreende pela segurança, pela facilidade, pelo caracter.

Como instinto pictural, sem treino porfiado, é dos mais fortes que conheço.

Depois de Anunciação e de Silva Porto, são raros cá os animalistas; se é que os tem havido, além das boas provas de Luciano Freire e dos galinaceos de Girão.

Simão da Veiga, e já não é de agora, pinta excelentemente os animais; com exactidão, com perfeito conhecimento, com individualidade.

Diferencia, sem ser só pela côr, um cavalo doutro cavalo, e consegue dar-nos, flagrante, a biografia de um touro.

Peninsular—até em certa falta de luminosidade exuberante, um pouco romantico no sentimentalismo e no entusiasmo, tem, entre outros méritos, o de ser e querer ser português.

Os seus touros são touros de Portugal: touros a que se não reconhece o direito de matar e ser mortos em presença da multidão, e que, furiosos de despeito, arras-

tam a tristeza de nunca poderem sentir, nas hastes emboladas, o calor sangrento de um corpo de inimigo.

Vencido — o boi caprichoso, possante, de raivosa pupila congestionada, que, ávido de liberdade e destrôço, tem de obedecer á choupa dos pampilhos perseguidores, e se viu obrigado a voltar para a pastagem, ferido da apuação, seguido dos campinos exaustos nas facas derreadas — é um quadro marcante, vigorosissimo, cujas dificuldades de realisação saltam á vista.

No *Fugindo á trovoadá*, impressionante de natural grandeza, é a manada equina, aglomerada, que o condutor empurra á sua frente para lugar seguro, pretendendo furtá-la á caligem ameaçante que escurece o horizonte azul-negro, sob o qual, com a guia á cabeça, o massiço dos animais tem o nervoso pavor acabrunhado de um bando valquiriano em derrota.

O *Traidor* mostra-nos outro touro ruminando desforras, emquanto, noutras molduras, a mansidão fulva dos cabrestos promete amaciá-lo, á ordem do *Campino* exactissimo.

Como arranjo e interesse, a *Condução de cabrestos* é muito feliz, e ainda as notas mais pequenas do *Lavrando no alqueive* e *Uma Parada*.

Joco — séria, andaluza, a tragédia do

estoqueador desastrado. procurando, *por afición*, rezes bravas para passar de *muleta*, constitue a quixotesca anedota do *Buscando contrato* — um tipo de zarzuela numa paisagem optimamente tratada.

Além de oito quadros de animais e do pobre diabo do *maleta*, ha a cabeça de uma *Alentejana* e dois trabalhos mais antigos, já expostos.

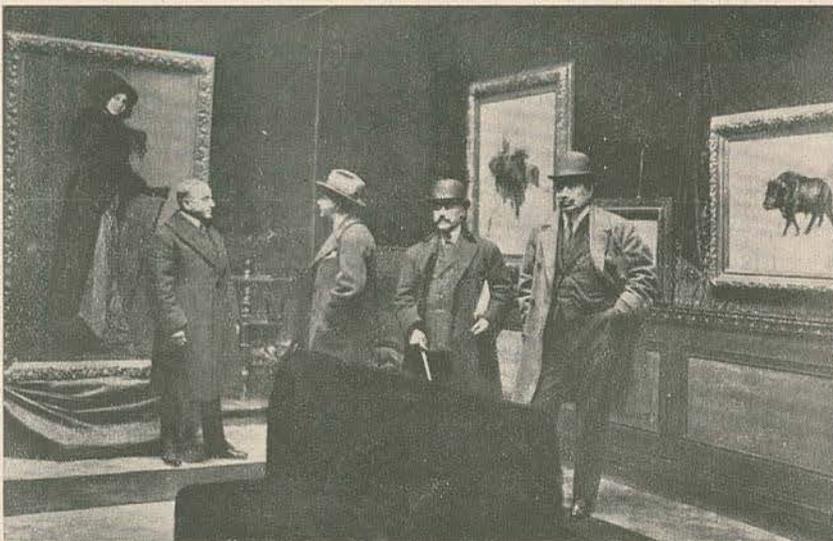
O primeiro, de 1911, *Curiosidade*, é o menos típico: duas raparigas, uma de encarnado, outra de azul, espreitando por uma cortina amarela.

É o segundo o *Retrato da Ex.^{ma} Sr.^a C. V.*, a esposa do artista: uma das obras a destacar na historia do retrato feminino em Portugal.

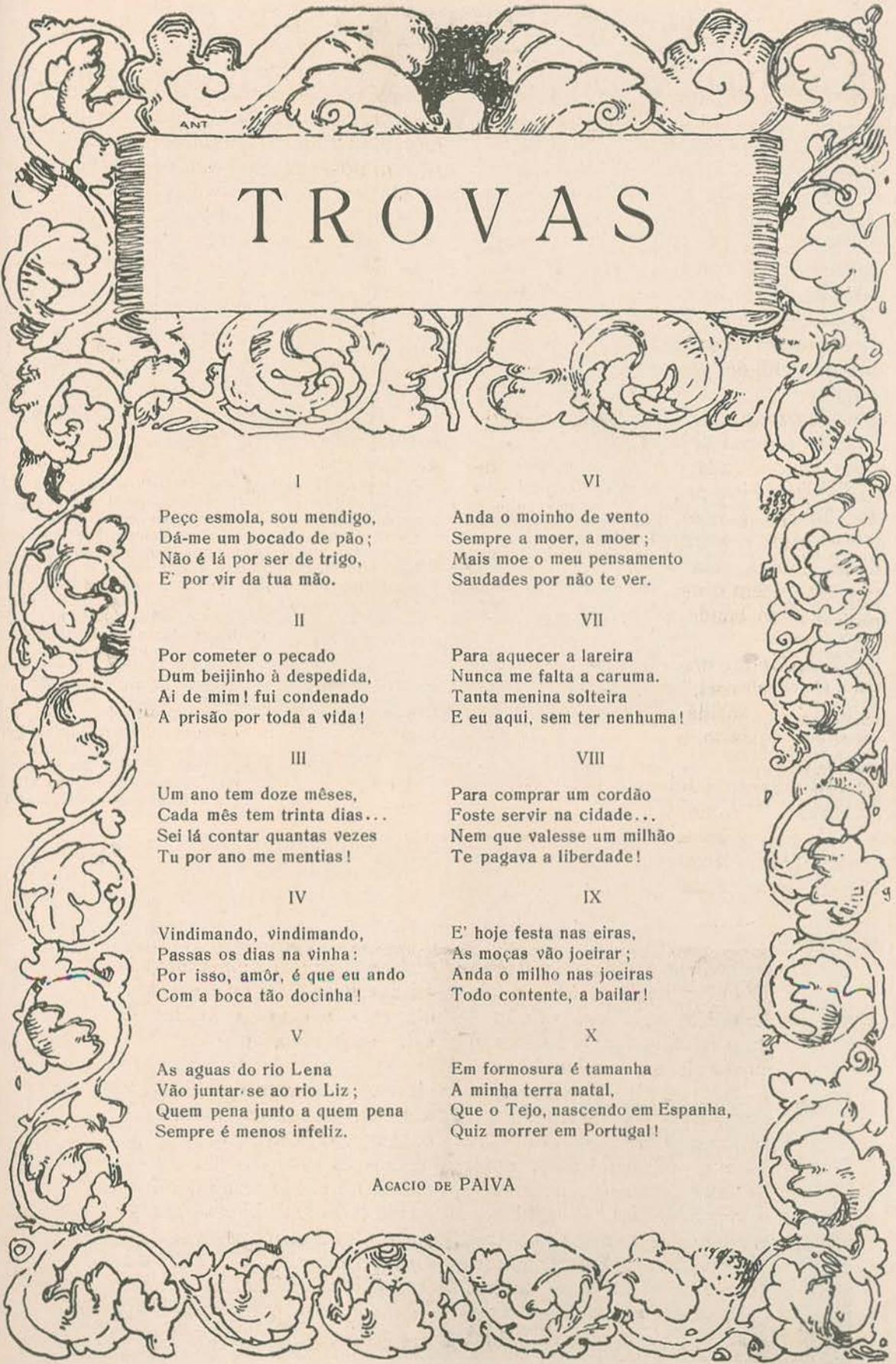
Aquela graciosa dama do guarda chuva, que arregaça a banda do casaco negro forrado a roxo, deixando ver uma nesga da comprida saia atejolada e a biqueira do sapato do mesmo tom, ao passo que o sorriso lhe petula entre a gaze esverdeada da touca, é das melhores notas de elegancia feminina e moderna que a arte portuguesa, tão pobre no genero, tem que guardar, com a medalha de bronze que em 1913 o autor conquistou de chofre em Paris.

Na Paris de La Gandara e de Boldini!

MANOEL DE SOUSA PINTO



Um aspecto da exposição



ANT

TROVAS

I

Peço esmola, sou mendigo,
Dá-me um bocado de pão;
Não é lá por ser de trigo,
E' por vir da tua mão.

II

Por cometer o pecado
Dum beijinho à despedida,
Ai de mim! fui condenado
A prisão por toda a vida!

III

Um ano tem doze meses,
Cada mês tem trinta dias...
Sei lá contar quantas vezes
Tu por ano me mentias!

IV

Vindimando, vindimando,
Passas os dias na vinha:
Por isso, amôr, é que eu ando
Com a boca tão docinha!

V

As aguas do rio Lena
Vão juntar-se ao rio Liz;
Quem pena junto a quem pena
Sempre é menos infeliz.

VI

Anda o moinho de vento
Sempre a moer, a moer;
Mais moe o meu pensamento
Saudades por não te ver.

VII

Para aquecer a lareira
Nunca me falta a caruma.
Tanta menina solteira
E eu aqui, sem ter nenhuma!

VIII

Para comprar um cordão
Foste servir na cidade...
Nem que valesse um milhão
Te pagava a liberdade!

IX

E' hoje festa nas eiras,
As moças vão joeirar;
Anda o milho nas joeiras
Todo contente, a bailar!

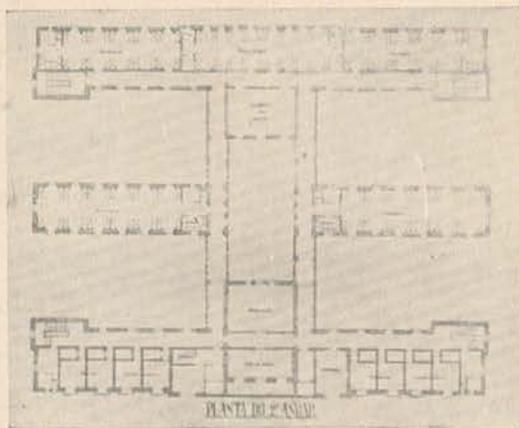
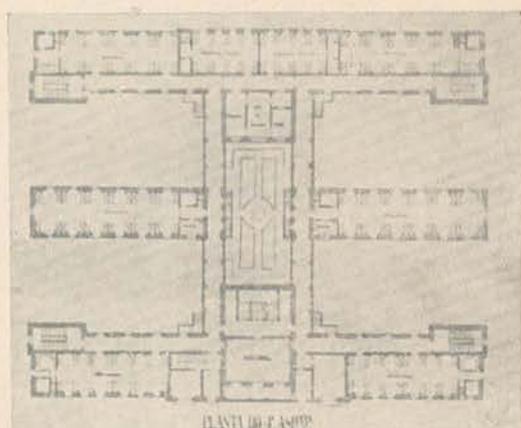
X

Em formosura é tamanha
A minha terra natal,
Que o Tejo, nascendo em Espanha,
Quiz morrer em Portugal!

ACACIO DE PAIVA

ESPINHO

O GRANDIOSO PROJECTO DO ASILO-ESCOLA-OFFICINA



ESPINHO, rainha das praias de Portugal, com o seu Oceano de ondas sensuais e o seu infinito areal rebrilhante de luz, propõe-se meter ombros a uma empresa colossal de beneficencia: a construção do Asilo-Escola-Officina, cuja primeira pedra foi lançada ha ano e meio, com a maior solenidade. A' acção energica e tenaz de meia duzia de pessoas, entre as quais é justo mencionar o espirito vivo e pertinaz de Francisco Alves Vieira, incansavel tesoureiro da Associação de Assistencia, e o formosissimo coração de D. Zulmira Dias Loureiro, directora da cantina, se deve o maravilhoso empreendimento, que vai ser posto de pé, em virtude de generosas dadivas, á frente das quais se deve colocar, como padrão de maxima filantropia, a de Joaquim Teixeira de Carvalho, um gran-

de português residente no Brasil e que, por este facto, o governo da Republica agraciou com o grau nobilissimo de comendador da Ordem de Cristo. Mas o cometimento é vasto e magestoso. Precisa ainda de muitas dedicações para atingir o seu alto fim humanitario. E, para isso, basta que os corações dos portugueses se abram em florescencias de caridade, — portugueses de cá e portugueses que por esse mundo fóra trabalham com os olhos postos nesta Patria distante e agasalhadora, onde virão um dia descansar o corpo e alegrar o espirito nas belesas imortais da terra que os viu nascer. Irmanemo-nos todos nesta obra do Bem, que os seus fructos cairão em bençãos e o reconhecimento dos pobres é a via-lactea por onde caminham os que Deus elege, por sua bondade e misericordia.





DOMINIQUE SYLVAIRE

AINDA um novo, Dominique Sylvaire ocupa já hoje no meio literário francês um lugar de inconfundível destaque. E' redactor principal da *Femina*, onde a elegancia da sua prosa e a placida sentimentalidade, verdadeiramente francesa, dos seus versos, o veem tornando muito querido pelo publico.

Acabamos de folhear o seu admiravel livro de versos que intitulou *Son ombre (notes en marge d'un amour)*, e que obteve da critica uma entusiastica e unanime consagração. E' que ele é bem o livro do amor, do moderno amor, sem arrebatamentos nem demasias, todo futilidade e vicio, todo imoralidade e elegancia, todo requinte e sensação, do unico amor que o turbilhão parisiense consente ainda aos que na sua orbita assentam arraiaes.

Uma das «notas à margem» que o autor intitulou *Lógica*, (!), dá bem a impressão dessa imoralidade que, parecendo-nos a nós monstruosa, lida em francês

e integrada na côr geral do livro, mais do que reprovação nos traz aos lábios um sorriso. E' pouco mais ou menos isto:

Hoje não vem. E' um tormento
a que estou quasi habituado,
porque um marido ciumento
gosta de ver-me contrariado.

Acho que nisso ele anda mal
e é mais inhabil que cruel,
pois eu, no amor, — é natural! —
contrariado sou fiel.

Para guardião falta-lhe geito.
Se ela tivesse vindo, — eu sei! —
talvês lhe achasse algum defeito
que assim... só tarde encontrarei.

Imoralidade, dissemos nós. Não será antes a tendencia natural de quebrar todos os entraves só porque são entraves, de infringir todas as normas, só porque são normas, a que todos nós nos entregamos quando um olhar imperioso no-lo quer impôr?!

O livro de Dominique Sylvaire foi escrito pela alma dele, com pedaços das almas de todos nós.

LAGOS

A IGREJA DE SANTA MARIA

A igreja de Santa Maria em Lagos é uma das mais lindas igrejas do Algarve, das mais pitorescas, das mais alegres e simples. É bem assim a casa de Deus, uma casa humilde e risonha. É na igreja de Santa Maria que está a imagem da Senhora da Piedade, a imagem por quem tem um grande culto a população marítima de Lagos. É a imagem querida dos pescadores, aquela que os protege no mar, que é o melhor empenho para o céu, o empenho a que recorrem todas as noivas, todas as mães, todas as irmãs. Correm muitas versões sobre a origem da imagem da Senhora da Piedade. A mais verdadeira, ao que parece, é aquela que diz ter sido essa imagem trazida para Lagos por uns pescadores italianos.

A imagem é obra dum bom santeiro. Ha nela toda a ingenuidade, toda a



ternura de quem sente a vida atravez de Deus.

Portugal é um paiz de imagens, de imagens de poetas, de imagens de santos. Nós temos mesmo o culto da imagem. Por todo este Portugal fora ha nichos como ninhos, por todo esse Portugal vai um murmurio de resa. A *Ilustração Portuguesa* permite-se a indiscrição de trazer para as suas paginas os santuarios humildes, todos de imagens populares, essas imagens que vivem com o povo, que lhes abrandam as torturas de dia-a-dia, que lhes prometem sempre o seu olhar cizro e bom, um outro mundo melhor. Ha uma belesa intima no Portugal cristão que é preciso revelar. Emquanto Lisboa faz revoluções, emquanto Lisboa pragueja — a provincia resa... Se a imagem da Senhora da Piedade quizesse, muito tinha a fazer por nós, na hora que passa.

O ELOGIO DAS HORAS

(CONTINUAÇÃO)

V

A noite é erma como um campo enorme

ANTERO DO QUENTAL

QUATRO horas da manhã... A Hora-parenesis entre a Noite e o Dia, ponte misteriosa construída sobre a catarata do Tempo, a separar, com um traço largo — a Treva da Luz... Hora indecisa, Hora intermedia, a Hora que é uma mundana, depois da bacanal, estirada na terra, como num leito, toda vestida ainda, com os pés calçados de negro, atirados para a noite, e a cabeça — perdida no novelo dos seus cabelos castanhos, — ligeiramente, apoiada na manhã...

Quatro horas da manhã... A Hora mágica, a Hora que é o conto de Aladino na boca-talismanda Schehrezade. O velho bruxo do Tempo fricciona a quatro vezes a lampada das Horas... É a Hora mágica, a Hora do Encantamento... A cidade pára, estaca, petrifica, *la belle au bois dormant*, aguardando o seu príncipe... Nas ruas mortas, sosinhas, — cadáveres estendidos pela cidade, com os círios dos candieiros a ladealos — o silêncio é, agora,

a única voz que se ouve... Se passos ha, de quando em quando, ao longe, são no céu, com certeza... São as estrelas, por cima de nós, no andar mais alto, que andam toda a noite, para traz e para diante, velando o Sol, que morreu na vespera...

Dentro das casas é o sono dos cem anos... Dir-se-hia que a Noite é o *atelier* da Morte... Nos leitos apertados — ataúdes dos vivos — os corpos voltam-se, agitam-se, contorcem-se, torturam-se, procurando, compondo, ensaiando a melhor atitude para a Morte, moldando a mascara final, que retocam, que burilam, que desmancham, que só encontram na propria Morte...

A Aza do Encantamento esvoaça por toda a Terra... Arrasta-se pelas ruas, pelas avenidas, pelas praças, pelos campos, vae roçar pelos casinos, pelos prostibulos, pelos *bas-fonds*, por toda a parte onde os sentidos ficam de sentinela aos corpos, durante a noite. Inutilmente, a população dos *clubs*, procurando, a todo o custo, conservar-se desperta, injecta os olhos com electricidade — a cocaina da luz... A Hora, porém, não perdoa... Nas mesas, nas *maples*,

nas *chaise-longues* os corpos tombam, as cabeças resistem, curvam-se emfim, deixam-se guilhotinar pela Hora implacavel... Pelos sofás compridos, as mulheres são flores que murcham, que se desfolham nas pétalas caídas dos braços e das pernas... Em equilibrio, nas cordas dos violinos, ficou suspensa uma valsa, estatica... Os creados adormecem no gesto de servir. Na sala de jogo, as mesas sonolentas, são frisos de Tragedia e de Ilusão...

Passo pelas salas do *club* como o principe de Peirault pelas salas do palacio adornado. Quebrou-se

o cristal da atitude, em cacos, pelo solo... A linha emmaranhou-se.

Entra-se, para ali, com a alma hirta, firme, passada a ferro, sai-se de lá, ás quatro da manhã, com a alma cheia de pregas, enxovalhada, suja, como um fato velho que apetece atirar fóra...

Estranho Museu de almas e de corpos, é aquele... Vem-me o desejo de pôr etiquetas a todos aqueles bonecos de pele, compôr o catalogo desta vida ás avessas que se faz na sombra, e anunciar, nos jornaes, a entrada franca no Museu da Bohemia, todos os dias uteis, ás quatro horas da manhã. A hora em que as mascaras tombam...



*O' vous, noirs ennemis qui vous glissez dans l'ombre
Disparaissez à l'approche du jour...*

JEAN RACINE

Cinco horas da manhã... Quarta feira das cinzas no Carnaval das Horas... A cidade lembra o quarto dum boêmio, em desordem.

Quatro horas da manhã... Hora de torpor, de cansaço, de sono, em que, engulidos pela treva, promiscuidos no Sonho, somos todos iguais... Hora de insónia para os que sofrem, cujo espírito é uma vela teimosamente acesa, com pingos de estearina, a caír na alma... A Hora dos segundos actos de Bernstein,



Hora escondida em que se esboçam por esse mundo, dramas violentos, a dois personagens, em que certas almas, se sentem frente a frente, completamente nuas, evidentes...

Quatro horas da manhã... A Hora cruel que transforma este jardim colorido que é a terra, num jardim humido, murcho, devastado pela chuva das Horas que caíu durante o dia...

Papeis rasgados, cascas de ovos, de frutas, trapos, cacos, e a cobrir tudo — o *confetti* meudinho da poeira... Com fatalismo, com neurastenia, com tragedia, os varredores, monotonamente, silenciosamente, escovam as ruas, limpam-nas, como creados mal pagos, servindo os amos,* por dedicação antiga, hereditária...

Na capa larga da Treva com que a noite se em-

brulhou, ha uma nodoa alvacentá, indecisa, quasi irreal... Caem borrões de vultos na sombra agonizante... Um galo chama pelo Sol, com furia, com histerismo. Um transeunte que passa, a assobiar, avisa-me que o Sol está perto, que já se meteu a caminho, com certeza. No poleiro dos nossos labios, pelos arredores do Sol, a nossa voz é um galo madrugador... Efectivamente, a luz começa a garatujar na Treva uns perfis fugidios como um garoto, traçando a giz, numa ardosia, bonecos breves, esquivos... Os varredores agigantados, esquecidos, varrem o lixo, varrem a treva, tambem... Vai clareando, cada vez mais... Dir-se-hia que a Noite era só poeira, imundicie, lixo... Quem sabe lá se o Dia não será um espelho, embaciado, á Noite, pela Treva, e passado com um lenço humido, pela mão de Deus, ao romper de alva?

Os galos, os assobios, berram como possessos, pelo Sol, esganiçam-se, a pedir luz... Ao longe, um rodar lento de carroças, como barricadas rolando...

Na capa larga da Treva a nodoa vai alastrando, uma nodoa metálica, redonda, como uma moeda... Fito-a, perscruto-a, procuro apanhar-lhe a côr... Dir-se-hia uma gota de sangue moído, pisado, quasi negro...

Cinco Horas da manhã, a Hora criminosa, a Hora em que a noite cai, a estrebuchar, numa poça de sangue...

*

Cinco horas da manhã... Quarta feira de cinzas no Carnaval das Horas. O Baile de Mascaras, aquele baile de mascaras que é a vida de todos os dias, vai no poente. Tomam-se as ultimas taças, perdem-se as ultimas notas, bebem-se os ultimos beijos. As portas dos casinos, dos prostibulos, dos *bas-fonds*, emmolduram os primeiros dominós, que hesitando um momento, a decidir-se, saltam, por fim, da moldura, suicidando-se na Treva.

A Hora é palida. Adivinha-se o Sol no Oriente, cresce a noite nos corpos... Despejam-se os casinos. As mundanas, novas ricas da luxuria, em farrapos de Seda, perdida a maquilhagem do *báton*, ficam apenas com a maquilhagem do vicio, duma tinta mais forte,

mais viva, que difficilmente se descolará... São as olheiras fundas, a sublinhar-lhe os olhos, a realçá-los, a pô-los em *italico*. São as rugas, em que a pele, forçosamente, se vai gastando, á força de pisada, de calcada com beijos...

Mais cavadas ainda, as olheiras dos homens, covas profundas onde sepultaram as Horas que viveram. Seus rostos remechidos, devastados, lembram cemiterios abertos, com ossadas á superficie...

Saem aos pares, os homens e as mulheres, cambaleantes, tropeços, quasi a desequilibrarem-se do arame da vida. Cá fóra as tipoias esperam-nos, escancaram as guelas, engolem-lhes os corpos, trituram-nos, vão lançá-los a casa...

Nos *bas-fonds* (valha-me Jean Lorrain...) os ninfas, os *souteneurs*, todos aqueles que usam cognomes como reis, embainham nos bolsos, os punhais das suas mãos sangrentas, vão afiá-los para casa, na pedra riça dos corpos das companheiras...

Abrem-se as *maisons closes*, deitam fóra, numa nausea, as ultimas visitas: caixeiros luzidios, lustrosos do balcão, estudantes sem familia, a demolir o corpo para a construção do Espirito, *maquereaux* vindos da féria, jornalistas de quarta pagina, de *faits-divers*, eles que, só por si, constituem os *faits-divers* mais típicos, provincianos que vieram á cidade para pôr em dia os negocios e os sentidos...

Cinco horas da manhã... Aqui, ali, nesta porta, naquela, relampejam sombras... O Sol está quasi pronto. Sinto-o, em mangas de camisa, frente ao espelho do ceu, a compôr-se, a ageitar-se, a dar voltas sobre voltas, á gravata da luz...

As mascaras são mais frequentes agora... Vêm aos ranchos, aos bandos... Mulheres em seda, em chita, peitinhos engomados, blusas de ganga, soldados, marujos, fadistas, todos de mascara caída, com os rostos agudos, afiados, a picotarem a Treva... Tudo aquilo surge, afasta-se, some-se... Para onde vão? Dir-se-ia que correm atraz da treva, que fogem ao sol, como os habitantes duma cidade ameaçada pelo inimigo... Cinco horas da manhã... Quarta feira das cinzas no Carnaval das Horas.

ANTONIO FERRO

Ilustrações de Bernardo Marques



O novo ministério na sua primeira reunião



A posse do novo governador civil

SUA SANTIDADE BENTO XV

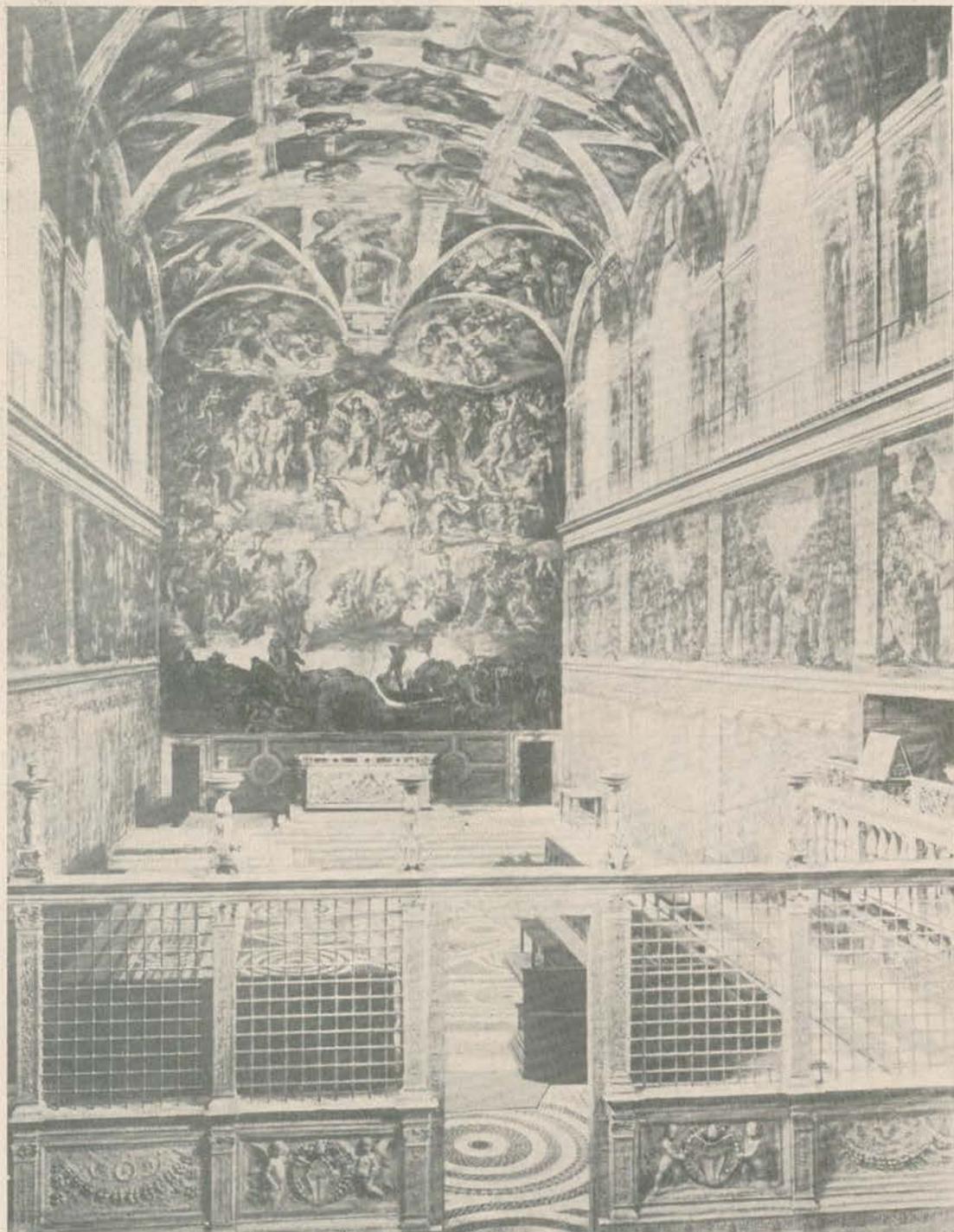


A ante-câmara secreta dos aposentos do Pontífice morto no Palácio do Vaticano

BENTO XV passou. Os papas passam mais depressa que os reis. Estes, deixam filhos, e os filhos, reis de amanhã, continuam-lhes a obra, o título, o nome, a

Raça. Fazem sempre dinastia Relembram.

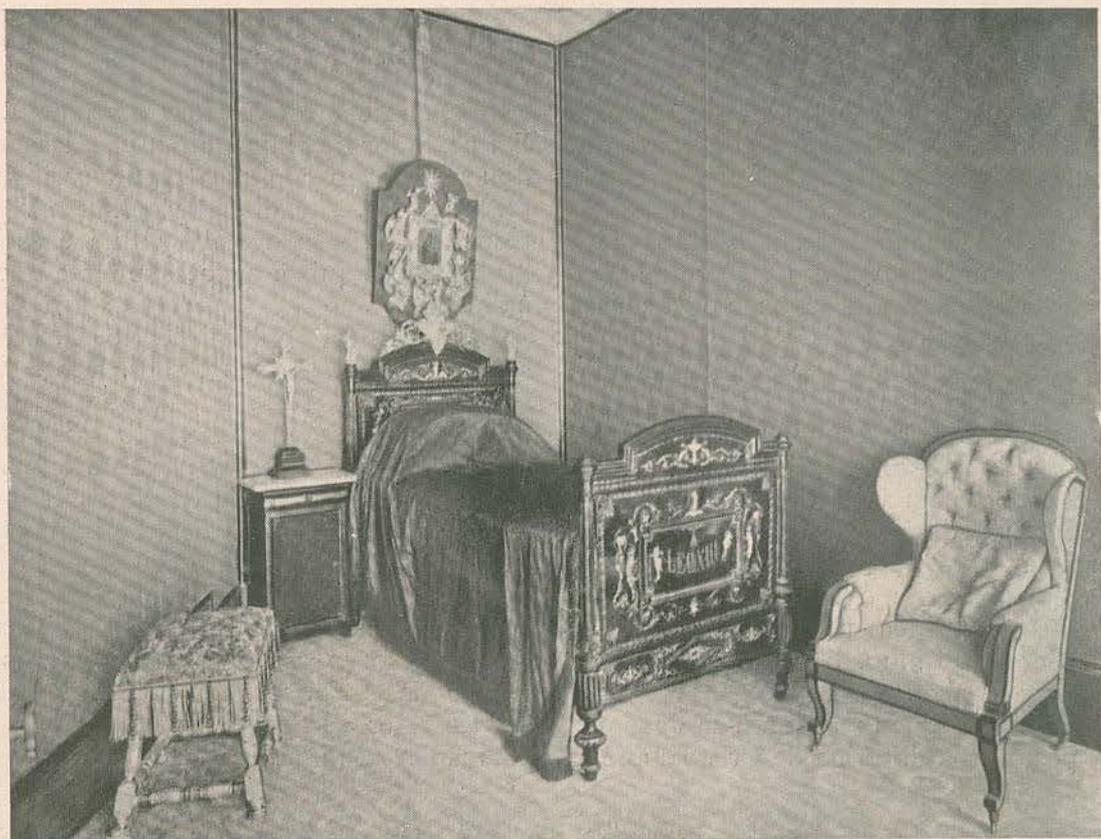
Os papas vivem um nome que nem é seu, é como o seu reino não é deste



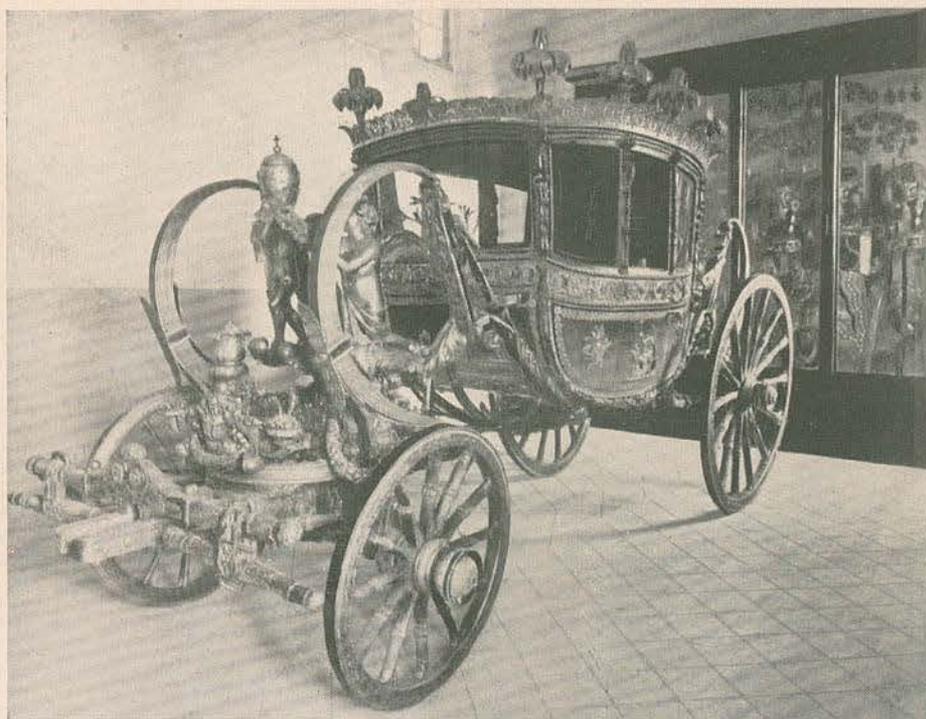
A Capela Sixtina

mundo, mortos vão mais depressa do que os humildes operários cujo nome e pronome foi usado por seus pais e ha-de ser usado por seus filhos.

Dela Chiesa — passou. A sua obra da qual falarão os eruditos, nos estudos políticos da Igreja e dos Estados, daqui a anos, com o selo vermelho da Historia, é agora



O quarto de cama de Bento XV anexo à chamada Torre Leonina, onde no verão Sua Santidade muitas vezes habitava.



A carruagem de gala de que se servia Bento XV

em artigos de jornal e de ilustração — uma coisa meramente nominal. Vale numa introdução ao elogio vivo de Ratti, actual

Pio XI, de uma família, que ele aceitou, de papas na sua maioria apostolicos, bondosos, mas mais resignados que tolerantes.

Bento XV foi todavia o mais Homem e vidente de todos os papas dos ultimos tres seculos de cristandade. Palpitou nele, como num Deus, o amor sagrado á Vida.

— Ah! E' casado. E quantos filhos tem? — perguntou Bento XV, ha cêrca de dois anos, ao secretario da legação portuguesa junto da Santa Sé, o dr. Mendes Leal.

— Um... apenas — respondeu humildemente o diplomata.

— Pois é preciso que tenha mais. « Crescei e multiplicai-vos », ensina o Evangelho.

Quando no dia da sua eleição, em 1914, (tendo chegado a preparar a figura para abençoar para a praça como agora fez Pio XI) observou o Pontífice eleito que dentro da Basilica havia um baptisado.

— Serei padrinho. E' uma vida que vai começar comigo.

E foi. O pequeno chamou-se Jacome. Apostolo da doutrina de Cristo sobre a

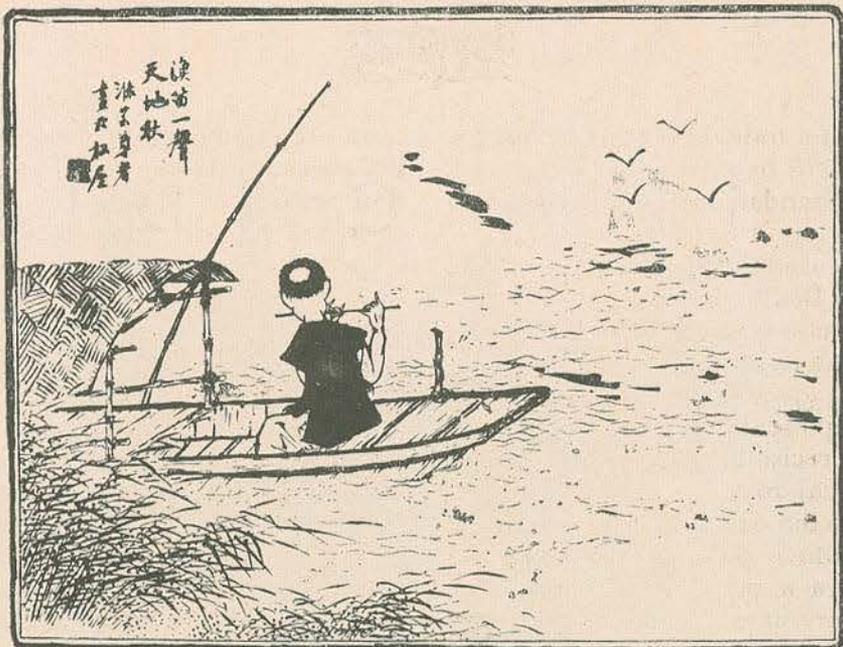
terra — contemporisou com o seculo XX. Foi pescador de almas, e não lhe desagradou pescar em conjunto os povos insubmissos á Fé. Até nisso respeitou a Vida, respeitando-lhe a evolução, que é assim porque Deus quiz e quer que fosse e seja assim.

Leão XIII foi Diplomata, Pio X Intransigente, Pio XI será o Sabio. Bento XV foi — Humano. Toda a sua obra é uma obra de homem feita na justa posição dentro da Vida. Nós, por emquanto lembramo-nos disso, e os historiadores hão-de recordá-lo. Mas quem se não esquecerá daquele timbre heraldico do Rei Eleito, ha-de ser esse pequeno, baptisado com o seu nome, majesticamente em S. Pedro, num dia torvo em que havia nuvens e dentro da Praça fechada pelas colunatas de tresentos santos e bispos, rugiam de emoção sessenta mil pessoas.

NORBERTO DE ARAUJO



A porta dos Suissos no Palacio do Vaticano



Enganando os peixes na sampana

CRONICA DE MACAU

VAMOS no mar!...

No céu, lá muito em riba, vemos grandes cisnes ocupados em depenar as suas grandes azas de plumas de finissimo tule que com a viração se esvaem lentamente para qualquer valada ou a sumirem-se na gaze das evaporações do delta do rio Si-Kiang...

Junto a nós ouve-se um marulhar de plangencias... Tlac .. tlac... tlac... Devem ser as águas impuras que batem, que batem...

De subito, sob o céu avermelhado, passam intermináveis bandos de corvos com o vôo sofreado, como bocados de véus negros e sebentos, destroçados em lamaçal... Um, dois, tres... cem... duzentos... quatrocentos e mais, muitos mais! E movem tambem com muita magestade as suas azas de negrume, desmandando em tornos caprichosos, mas com marcha uniforme, chegando em ordem sucessiva a submeter-se á disciplina do juizo... Vão para fóra, para a briga, para a labuta diaria, teimosos, pertinazes, buhentos e, batendo com furia as azas, revolvem-se e cruzam-se uns sobre os outros como em movimento de guerra... e ferozmente impellidos a devorar-se...
Despertei ébrio!

São as lórchas que vão para a faina do dia! De prôa erguida e pôpa a meter a pique, todas vão seu caminho, fugindo-se mutuamente, do pantanoso rio.

Lá se vira aquela!...

Mas, não! Um puxãozinho do lado inverso das rizes de bambú a servirem as velhas esteiras de vela e

ei-la a pico! A pico, porque o afan e a *experientia* do velho pescador o exige!

A *experientia*, dizemos. Ele ali nasceu, ali vive, e ali vai morrer. A lórchá é todo o seu mundo! ..

Aquelas paredes paralelas entre si e perpendiculares á quilha formam a sua casa e a da numerosa familia. Lá está o seu templo ao centro... com as tabelas onde vivem as almas dos seus antepassados, os pivetes ardentes, as tijelas microscopicos, o capão assado, os dôces, chá e outras virtualhas que a liturgia confucionista indica. O homem do mar, lá tem a sua cozinha patriarcal de um só fogão de barro, o galo que sacode as barbaças e cabeça com destemperados *quim-qui-ri-quis*, o cão de focinho de raposa a colocar-se diante do gato, velho amigo, que se esperguiça fazendo o espinhaço num arco, a mulher, a filha, a neta que atam os filhos ou irmãos ás costas. E' ali que o pescador tem os seus passatempos, as suas esperanças, os seus progressos, estorvados apenas quando as necessidades o obrigam a vir a terra.

Só ali é rei, só ali é livre, só ali é feliz!

Contente com Deus, contente com os homens, contente com os elementos, aquele homem semi-nu e de escura tês e faces grotescas.

Seja embora feliz, mas eu não gosto dele intoxicado e nevropata! Definido, em geral, de estigmas degenerativos que não de ir até á mais completa esterilisação da população dos seus micro-organismos!

Macau, 15 de Maio de 1920.



Tipos de Macau

BARBOSA PIRES

O PIANISTA FRANCÊS

ROGER GODIER

ENCONTRA-SE entre nós o pianista francês Roger Godier que realizou, com grande êxito, dois recitais de piano no Salão do Conservatorio. Roger Godier, em viagem de recreio, aproveita essa oportunidade para ir fazendo uma activa propaganda da musica franceza. Ele é um admiravel interprete dos musicos franceses modernos. Claude Debussy, em especial, merece-lhe um grande culto. O sr. Roger Godier, que teve a gentileza de vir à «Ilustração



Roger Godier

Portuguesa» apresentar os seus cumprimentos, tenciona ir ao Porto dar dois concertos. O sr. ministro da França, em sua homenagem e em homenagem de José Viana da Mota e de José de Figueiredo, ofereceu um jantar na legação, a que assistiram, alem dos homenageados, os srs. ministro dos estrangeiros e o dr. Julio Dantas. Ao illustre pianista agradecemos a honra da sua visita e fazemos sinceros votos para que a sua viagem resulte um triunfo.



Na Legação da França por ocasião do jantar oferecido aos srs. Viana da Mota, José de Figueiredo e Roger Godier



A explosão na esquadilha de submersíveis. — O camion em que foram conduzidos à Morgue os cadáveres das vítimas



A ponte da esquadilha onde se deu a explosão

OS LIVROS DA SEMANA



Afonso Lopes Vieira

EM DEMANDA DO GRAAL, por Afonso Lopes Vieira — Afonso Lopes Vieira, grande poeta e grande português, tem tido sempre, nobremente e sobranceiramente, «*cette parfaite conformité de l'oeuvre et de la vie, de la pensée et de l'action qui appose, a une personnalité, le sceau de l'héroïsme*». Ele consegue, na verdade, essa extraordinária vitória de ser sempre coerente consigo mesmo, com a sua aspiração, com a sua obra, com o ritmo íntimo da raça. Poucos artistas, numa série longa de livros e de esforços d'Arte — mantem um caminho liso, desassombrado e unico. Lopes Vieira é um desses raros que construíram para si uma estrada real de fé, de coragem e de orgulho — e que por ela segue sempre, não olhando sequer os outros, os que se perdem nos atalhos da montanha, nos labirintos da floresta.

«Em demanda do Graal» — é toda uma cruzada pela inteligente conservação da alma luziada, da beleza luziada, do grande clarão luziada — a dentro da nossa polissinfônica e complicada vertigem moderna. Afonso Lopes Vieira é uma sensibilidade que construiu o seu oratório tradicionalista entre a barulhenta confusão de hoje. E' do seu tempo — mas vê além do seu tempo, para o passado e para o futuro...

Eis o que nos dizem todas as suas paginas recentes, onde ha belas conferencias evocativas, diafanos poemas d'extase e d'exilio, magníficos pensamentos muito varonilmente portugueses, e fecundos esforços a favor dos direitos maximos da grei.

Acabada de ler esta tão luminosa e tão erguida série de prosas, onde as imagens teem carinhosas tintas fluidas de iluminura e onde

o e-pirito ganha uma harmonia equilibrada e disciplinada de intenções — conclue-se que Afonso Lopes Vieira é tambem, além de grande poeta e prosador, um dos ultimos heróis da devoção olimpica da raça...

*

O HOMEM, LOBO DO HOMEM, comentario leve da grande guerra, por Agostinho de Campos — A' semelhança dos pequenos artigos, *au jour le jour*, que alguns escritores franceses, Salomon Reinach, Gabriel Hannotaux, René Gillouin, por exemplo, reuniram em volumes de documentação curiosa — Agostinho de Campos acaba de publicar uma coleção de crônicas rapidas sobre alguns assuntos inspirados no decorrer da grande conflagração catastrophica da Europa. Evidentemente, este livro é um livro sereno, um livro de apreciações calmas — e não um livro de angustia, de pânico e de tragedia, como aqueles que os prosadores de Paris iam traçando, durante o periodo vermelho e sinistro da invasão germanica em França. Mas isso não lhe tira o seu interesse documental — e o interesse lucido e harmonico dos livros de Agostinho de Campos, onde ha sempre uma grande aspiração de beleza moral e de clarividencia inteligente.

Agostinho de Campos é um escritor placido, um escritor que aconselha, que aponta caminhos, que se expande em doutrinas benéficas e fecundas. Depois de ter corrido as suas paginas — tem-se a impressão de ter atravessado uma paisagem de equilibrio e de consciencia generosa, sempre ávida de verdades claras, de certezas sensatas e de finalidades nobres.

«O Homem, lobo do Homem» — se afinal tem sido a historia de sempre, o conflito de sempre, desde o fratricidio remoto de Cain!...

*

BUCOLICA, por Vieira d'Almeida — O illustre professor Oliveira Ramos filia este poeta em Antonio Nobre e Eugenio de Castro. E' possivel que seja muito justa esta classificação. Eu, confesso-o, ainda não cheguei a compreender a semelhança de Vieira d'Almeida com o crucificado do Só ou com o joalhista estetico dos *Oaristos*. Encontro, antes, no autor da *Bucolica*, uma sensibilidade de um pouco exotica, procurando rimas estranhas — e dando-nos, por vezes, belas sugestões paisagistas, duma cor invulgar e perurbadora. Parece-me, porém, bastante frio, premeditadamente artificial e raramente habil na aliança de palavras difíceis e picturalidades de sabôr requintado. Aqui ficam, para provar esta minha



Mario Monteiro

afirmação, duas quadras colhidas em pleno acaso — duas quadras torturadas, complexas, duma tortura espectacular e inédita:

Ebridade faminta, em chama,
Num a far d'explosão purpura!
Febre soffrega em sede clama
E ao desejo exacerba a furta!

Onde fica o vosso dominio,
Mar d'arômas que não descubro?
— A candura do veludneo
Cultuando o vigor do rubro!

URSE DO MONTE — versos — por Mario Monteiro — Mario Monteiro — figura literaria que pelas suas actividades multiplas, me merece o respeito escrupuloso da minha intelligencia — não é, como poeta, inteiramente da nossa epoca. As suas imagens, os seus processos, a sua *sensiblerie* — é bastante romantica, excessivamente amaneirada, sem a sobriedade forte dos pensadores ou a estilização requintada dos estetas. Dentro desta fórma, atrazada e gasta, Mario Monteiro é um rimador com momentos sinceros, correntios, agradaveis, a quem podemos conceder uma certa admiração e um relativo apreço. Este soneto, *Sonhar acordado*, é um exemplo bem nitido das suas qualidades e dos seus defeitos liricos:

Juras querer-me bem e que eu te quero
Já toda a gente o sabe e quero crer
Que não pode existir amor sincero
Como este que, por ti, an to a s. cer.

Confesso-me infeliz, mas não espero
Gosar um bem maior no meu viver
E, por isso, feliz me considero
Embora não te saiba mer. cer...

Caminho, atraz de ti, nesta ventura
De amar esse teu rosto, acreditando
Que nos olhos puzeste a noite escura,

No ri o um novo sol já despontando!
Ai como dá prazer, nesta amargura,
Caminhar acordado e estar sonhando!

JOÃO AMEAL

TONICO FORMIOL MUSCULAR

(REGISTADO)

MEDICAMENTO DE EXITO NOTAVEL

PROVAMOS COM ATESIA DOS MEDICOS

Na cura da fraqueza geral, fraqueza cerebral, fraqueza genital, neurastenia, anemia, tuberculose, doenças do coração e pulmões,

afeções nervosas, suores noturnos, prostração física, menstruações irregulares, perdas seminaes, escrofulas, linfatisimo, falta de appetite, palidez, hemorragias, afeções osseas, raquitismo, digestões laboriosas, prisão de ventre e fraqueza senil. Rapido e energico. Tónico por excelencia do sistema nervoso e muscular, aumentando sempre a resistencia á fadiga derivada

do esforço muscular prolongado, quintuplicando as forças e evitando a pobreza fisiologica, traduzindo-se o seu efeito por um aumento de peso e das forças. As pessoas que habitam nos climas quentes e as que se dedicam ao «sport» tem absoluta necessidade de fazer uso do «Formiol», com o fim de evitar o exgotamento fisico derivado do excesso do clima e do abuso das forças.

Este medicamento tem sido experimentado por varias sumidades medicas e doentes (como podemos provar) obtendo sempre ótimos resultados. Não tem dieta. A venda em todas as farmacias e drogarias. Preço 4\$00. Correio, até dois frascos, mais 50 centavos. Depósito geral: Farmacia Albano, rua da Escola Politecnica, 59, Lisboa. Depositarios em Lisboa: Farmacia Barral, rua do Ouro, 128; Estacio, Rocio, 60; Azevedo, Rocio, 31; Pimentel & Quintans, rua da Prata, 196. Porto: Farmacia Birra, Praça da Liberdade, 124. Coimbra: Farmacia Nazareth, R. Ferreira Borges, 139. Santarem: Farmacia Bastos, R. da Misericordia, 121. Setúbal: Farmacia Oliveira, R. da Misericordia, 14. Evora: Farm. Ferro, R. João de Deus, 33. Faro: Bandeira & C.ª rua de Santo Antonio, 50. Africa Occidental: S. Tomé, José Pedro da Fonseca, rua General Calheiros. Benguela: Farmacia Continental. Louanda: Serra, Annes & Irmão

DOENTES

A Moderna Terapêutica Magnética e Psíquica

Com o auxilio dos meios FISICOS E REGIMEN NATURAIS, especificados para cada caso e devidamente individualizados, constituem

O tratamento mais racional e eficaz

PARA CURAR qualquer doença orgânica, nervosa e mental *por grave e antiga que seja*; assim o tenho affirmado na minha longa pratica no estrangeiro e aqui pelas **importantes curas** que tenho realisado.

Os que estão cansados de sofrer não devem, pois, hesitar a submeter-se aos meus especiais tratamentos

Psico-físico-magnéticos e dietéticos

De cujos favoráveis resultados *me responsabilizo.*

P. Indiveri Colucci

R. C. JOAO GONÇALVES, 20, 2.ª, Esq. — Esquina da Av. Almirante Reis (ao Intendente)



O Inimigo da Dó

O Linimento Sloan

é um mata-dór verdadeiro para todos. Milhares e milhares de pessoas de todas as classes, o tem usado e recomendado contra dores neuralgias, rheumaticas, dos dentes, dos hombros, da espinha, do pescoço e dos braços. E todos estão agracecidos pelo mesmo, pois que os livraram de dias amargos e noites horribes, quando ao retirarem se se revolvia na cama perseguidos por uma pertinaz dor, conciliando algumas vezes o sono para outras tantas vezes o mesmo ser afugentado por uma dor ligeira, mas no entanto, tenaz e exasperante. A sua esposa, seus filhos, seu companheiro de quarto necessitam talvez

Linimento Sloan

quando V. Sra. chegar em casa. Traga um vidro.

(Vende-se em todas as Pharmacias)

Linimento de Sloan

MATA DÓRES

Depositarios exclusivos para Portugal e colonias: Walker Bros & Co. Trav. do Cotovelo, 37, 1.º - Lisboa
11. R. MOUSINHO DA SILVEIRA — PO

O passado, o presente e o futuro

Revelado pela mais celebre chiro-mante e visionomista da Europa

Madame Brouillard

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das ciencias, quíromancias, cronologia e fisiologia e pelas applicações praticas das teorias de Gall, Lavater, Desbarolles, Lambrose, d'Arpenitgney, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e hespanhol. Da consultas todos os dias uteis, em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-



das 11.ª da manhã às 7 da tarde (sobretudo) — Lisboa

em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-

M. ME VIRGINIA CARTOMANTE-VIDENTE



Tudo esclarece o passado e presente e prediz o futuro.

Garantia a todos meus clientes: completa veracidade e consulta ou reembolso do dinheiro.

Consultas todos os dias uteis das 12 ás horas e por correspondencia. Enviar 50 centavos para resposta.

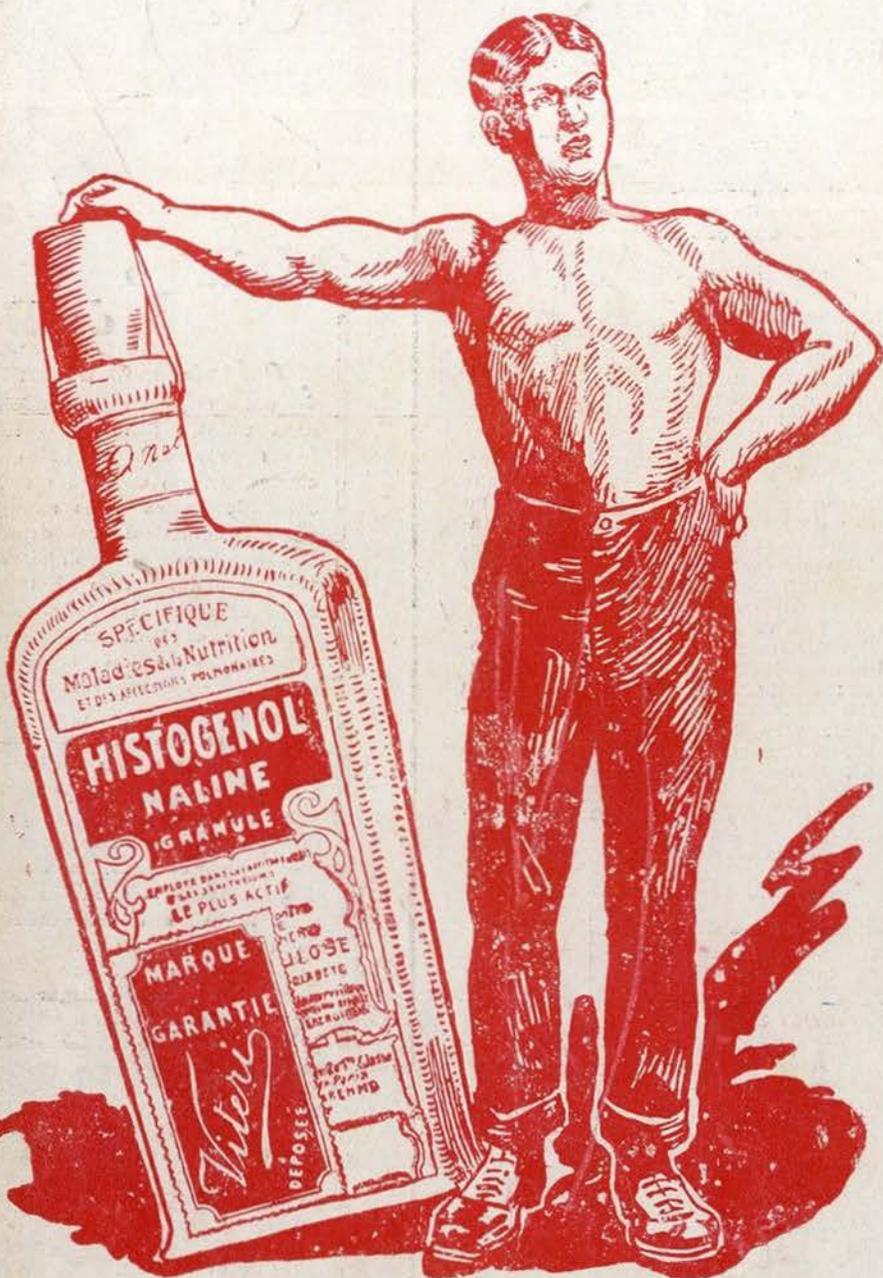
Calçada da Patria, n.º 2, 1.ª, Esq. (Canto da rua d'Alegre) predio esquina).

Vér, quarta-feira, o

Suplemento de MODAS & BORDADOS DO "SÉCULO"

Preço: 20 cent

TUBERCULOSE



CANCRO, anemia, FLORES BRANCAS, linfatismo, RAQUITISMO, escrófulas, CRESCIMENTO IRREGULAR, fastio, AZIA, magreza, PALIDEZ, debilidade, PROSTRAÇÃO FISICA, fadiga cerebral, doenças mentais, insonia, neurastenia, asma, bronquites crônicas, gripe, paludismo, diabetes, suores nocturnos, perdas seminais, convalescença, escarros espessos, febres, falta de regularidade nas menstruações e em geral todos os casos contra que se empregava até agora o HISTOGENE, as emulsões, o ferro, as pastilhas para gente palida, kolas, glicerosfosfatos, etc.

CURAM-SE RAPIDAMENTE

COM O

HISTOGENOL NALINE

Com o selo **VITERI**

(O antigo HISTOGENE aperfeitoado pelo dr. A. Muneyrat, da Academia de Paris)

em qualquer das fôrmas: ELIXIR GRANULADO ou AMPOLAS. Póde usar-se com proveito em qualquer época do ano. SALVO INDICAÇÃO MEDICA, USE DE PREFERENCIA O ELIXIR, que é a fórmula mais energica.

O vosso medico vos dirá
_____ que _____

!!! é o melhor ==
== revigorador ==
== conhecido !!!

Toda a gente tem um parente ou amigo que se curou

com este prodigioso CRIADOR DE SANGUE E DE MUSCULOS, o unico que foi objecto de CINCO COMUNICAÇÕES A INSTITUTOS SCIENTIFICOS DE FRANÇA e entre elas serviu de tésé em 2 actos de formatura.

Sempre que se precise preparar o organismo para resistir sem definhamento a marchas fatigantes, treinos de sports violentos, longo estacionamento em locais inconfortaveis ou insalubres e climas adversos, ou onde se fique exposto a repetidos abalos ou a uma alimentação irregular, deve-se usar o HISTOGENOL NALINE COM SELO VITERI em doses intensivas.

Sempre se procurou e em toda a parte imitar ou falsificar o HISTOGENOL NALINE COM SELO VITERI. Nome, rotulo e aspecto andam imitados em preparados que as analyses apresentam como inquinados de perigosos microbios. Na impossibilidade de analisar todos os frascos de origem duvidosa, só considero verdadeiro para a venda em Portugal e Colonias o que tiver bem visivel ao exterior da caixa o selo dos concessionarios para Portugal e Colonias, com a palavra—VITERI—a vermelho sobre preto. Recusar o que pretendam vender sem essa garantia e pedir, entre outros, nos seguintes locais:

Farmacia Estacio, ROCIÓ; Farmacia Barral, RUA AUREA, 126; Azevedos, ROCIÓ; Drogaria Açoreana, RUA DA PRATA, 99; Farmacia Avelar, RUA AUGUSTA, 225; Farmacia Teixeira Lopes, RUA AUREA, ou ao Deposito Central: **Vicente Ribeiro & C.^a**, rua dos Fanqueiros, 84, 1.^o

Frasco para 20 dias 16\$00
, , 10 , 8\$00

Para fóra de Lisboa,
mais as despesas
de correio e cobrança